

O CORCUNDA DE NOTRE-DAME E A ESCRAVA ISAURA: UM DIÁLOGO ENTRE VICTOR HUGO E BERNARDO GUIMARÃES

Rodrigo Torres Dias¹⁵

Resumo

A França, com seus costumes e seu modo de pensar, teve papel fundamental na formação e evolução de toda a cultura ocidental. Partindo desta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo, a partir da análise de *O Corcunda de Notre-Dame* e *A Escrava Isaura*, estabelecer um diálogo intertextual que evidencie a influência que a obra de Victor Hugo exerceu sobre a produção de Bernardo Guimarães, e assim, auxiliar no entendimento da importância exercida pela literatura francesa na consolidação da identidade literária brasileira. Para a realização desta análise, que tem caráter bibliográfico, foram utilizados os conceitos de Antoine Compagnon (2014), Leyla Perrone-Moisés (2007), Sandra Nitrini (2010) e Tiphaine Samoyault (2008).

Palavras-chave

Diálogo intertextual. *Corcunda de Notre-Dame*. *Escrava Isaura*. Literatura francesa. Identidade literária brasileira.

Résumé

La France, avec ses moeurs et sa pensée, a joué un rôle fondamental dans la formation et l'évolution de toute la culture occidentale. En partant de ce postulat, cet article a comme but, à partir de l'analyse de *Notre-Dame de Paris* et *A Escrava Isaura*, établir un dialogue intertextuel pour mettre en évidence l'influence que l'oeuvre de Victor Hugo a exercé sur la production de Bernardo Guimarães, et ainsi, aider dans la compréhension de l'importance de la littérature française dans la consolidation de l'identité littéraire brésilienne. Pour produire cette analyse, qui a caractère bibliographique, on a utilisé les concepts d'Antoine Compagnon (2014), Leyla Perrone-Moisés (2007), Sandra Nitrini (2010) et Tiphaine Samoyault (2008).

Mots-clés

Dialogue intertextuel. *Notre-Dame de Paris*. *Escrava Isaura*. Littérature française. Identité littéraire brésilienne.

¹⁵ Graduando do curso de Letras-Português/Francês pela Universidade Federal do Piauí.

Introdução

A França é uma nação que, sem dúvidas, possui um legado cultural que influenciou e influencia todo o mundo ocidental. Dentre as mais notáveis influências francesas está a Literatura. Desde Chrétien de Troyes, autor de *Le Chevalier de laCharrette*, um dos primeiros romances em língua francesa que se tem notícia, passando por Victor Hugo, um dos maiores gênios que o mundo literário já conheceu, chegando a autores mais recentes, como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, a literatura francesa causa fascínio desde o primeiro contato.

É inevitável versar sobre literatura francesa e não falar da importância de Victor Hugo na consolidação desta. Victor-Marie Hugo, nascido em Besançon, desde cedo mostrara ser uma criança diferente das demais. Começou a escrever muito jovem e desde então logrou incontáveis êxitos no mundo das letras. Em 1819, junto com seus irmãos Abel e Eugène, funda a revista *Le Conservateur Littéraire*, dedicada a assuntos literários. No entanto, nem só de sucessos viveu o autor francês. Com uma vida pessoal muito conturbada, Hugo conheceu o dissabor de uma desilusão amorosa, a dor ocasionada pela morte trágica de sua filha Léopoldine e as saudades de sua pátria quando foi exilado.

Entretanto, nem uma vida pessoal cheia de altos e baixos conseguiu amordçar a genialidade de Hugo. Autor de uma extensa obra literária, constituída por romances, ensaios, poemas, dentre os quais podemos citar *Os Miseráveis*, *Os Trabalhadores do Mar* e *O Homem que ri*, Victor Hugo apresentou ao mundo as mais envolventes narrativas, as quais tratavam dos mais diversos temas, notadamente os que chamavam atenção para as mazelas vividas pela parcela menos favorecida da população, do ponto de vista socioeconômico.

Uma de suas obras que melhor exemplifica o que foi dito anteriormente se trata de *O Corcunda de Notre-Dame* ou *Notre-Dame de Paris*, no original francês, publicado em 1831. Adaptada diversas vezes para as telas do cinema, o enredo da obra é ambientado na Paris do século XV e boa parte das ações das personagens se dão em volta da Catedral de Notre-Dame, considerada por alguns estudiosos da obra romanesca de Hugo, como o professor Sidney Barbosa, a verdadeira protagonista da narrativa:

“[...] destaca-se como verdadeira protagonista do romance, visível e destacada já no próprio título, o espaço sagrado e ao mesmo tempo humano, um lugar de espiritualidade, mas também de acontecimentos, de sentimentos e de asilo: a igreja de *Notre-Dame de Paris*.” (BARBOSA, 2003, p. 92).

Aos pés da Catedral, a cigana Esmeralda com seus grandes olhos negros seduz os leitores e as outras personagens, dentre as quais estão o capitão Phoebus, o padre ClaudeFrollo e o corcunda Quasimodo. A força motriz que impulsiona os acontecimentos no decorrer da obra são o fascínio, a devoção e até mesmo a insanidade dos três protagonistas pela cigana. Apesar de ter sido publicado no século XIX e o enredo se passar na Idade Média, a temática do romance, que nos apresenta a situação na qual os povos ciganos viviam e o preconceito sofrido pelos que não se encaixavam nos padrões de beleza pré-estabelecidos pela sociedade, é extremamente atual.

Hugo e sua obra ajudaram não só a França a consolidar a sua literatura, mas também a outras nações. Com o Brasil não foi diferente. Os escritores brasileiros tiveram suas escritas influenciadas pelo autor francês, que deixou marcas profundas na literatura brasileira. No entanto, antes de avançarmos, é importante ressaltar que neste artigo, o termo influenciase será entendido em sua primeira acepção, tal como escreve a professora Sandra Nitrini, em seu *Literatura Comparada*: “O conceito de influência tem duas acepções diferentes. A primeira, a mais corrente, é a que indica a soma de relações de contato de qualquer espécie, que se pode estabelecer entre um emissor e um receptor.” (NITRINI, 2010, p. 127).

Os autores pertencentes à terceira geração do Romantismo brasileiro, ou geração hugoana, foram os que mais sofreram influência da obra de Victor Hugo. Também conhecida como Geração Condoreira, fazendo referência ao condor, englobava obras cujas principais temáticas tratavam da liberdade e do abolicionismo, assunto bastante discutido na época. Dentre os autores nacionais que mais se destacaram nesse período, está o mineiro Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

Bernardo Guimarães, que também publicou *Cantos de Solidão* e *O Seminarista*, ganhou notoriedade após a publicação de *A Escrava Isaura*, em 1875. O romance, elogiado até por D. Pedro II, tem como protagonista uma escrava de pele alva, de bom coração e espírito elevado chamada Isaura, que sofria com os galanteios de seu inescrupuloso senhor Leôncio e as tentativas falhas de ser libertada por seu pai, Miguel. Filha de um ex-feitor de origem portuguesa e uma escrava, Isaura foi criada com muito

esmero por sua senhora, que lhe ofereceu uma educação digna das mais distintas moças da corte: aprendeu francês, cantava, bordava, tocava piano, dentre outras atribuições. Tanto zelo atraiu sobre Isaura os olhares mefistofélicos e galanteios de Leôncio e seu cunhado Henrique e o despeito de Malvina e Rosa.

Ao estabelecer um paralelo entre *A Escrava Isaura* e *O Corcunda de Notre-Dame*, observando os elementos que compõem suas respectivas narrativas, é possível observar a presença da literatura de Victor Hugo na obra do autor brasileiro, o que deixaria transparecer ainda mais o diálogo que as literaturas francesa e brasileira vêm mantendo ao longo dos séculos e como aquela foi crucial para solidificar, do ponto de vista literário, a nossa identidade nacional.

Para a elaboração da presente análise, foi utilizado como *corpus* romances *O Corcunda de Notre-Dame* e *A Escrava Isaura*, de Victor Hugo e Bernardo Guimarães, respectivamente, e como aporte teórico, os escritos de Antoine Compagnon (2014), Tiphaine Samoyault (2008), Leyla Perrone-Moisés (2007), Sandra Nitri (2010), Roland Barthes (1974) e Julia Kristeva (2005).

Esmiuçando a intertextualidade

Em *A Intertextualidade*, Tiphaine Samoyault disserta sobre os diferentes sentidos que o termo em questão adquiriu com o decorrer do tempo e nos apresenta teóricos e conceitos essenciais na compreensão deste fenômeno. A origem do termo *intertextualidade* é atribuída a Julia Kristeva por ocasião do seminário de Roland Barthes na cidade de Paris, em 1966. Para Kristeva, “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”, ou seja, por mais completo e original que um texto pareça ser, ele sempre vai apresentar resquícios, por menores que sejam, de outros textos. Em suma, nenhum texto é escrito do zero.

Assim como Kristeva, Roland Barthes também escreveu, em artigo intitulado *Théorie du texte* para a *Encyclopaedia Universalis*, acerca da ideia de intertextualidade: “Tout texte est un intertexte; d’autres textes sont présents en lui, à des niveaux variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables: les textes de

lacultureantérieure et ceux de lacultureenvironnante. Tout texte est untissu nouveau de citationsrévolues.”¹⁶

Com o avanço da democracia no Brasil da segunda metade do século XIX, as discussões em torno dos ideais abolicionistas tomavam conta da sociedade. Estudantes e intelectuais, boa parte influenciados pela literatura de cunho social de Victor Hugo, protagonizavam discussões calorosas a respeito dos rumos que o sistema escravocrata deveria tomar em terras brasileiras. Foi neste contexto que, com a publicação de *A Escrava Isaura*, Bernardo Guimarães tornou-se um autor consagrado.

Logo nas primeiras páginas do romance, o autor nos apresenta o retrato daquela que seria a típica mulher romântica:

Achava-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise.(GUIMARÃES, 2008, p.10).

Ao descrever a sutileza dos traços de Isaura, o autor nos apresenta não apenas as características de sua protagonista, mas um retrato da figura feminina pintado pelo Romantismo. Atravessando-se o Atlântico e desembarcando na Paris de 1482, é possível observar algumas semelhanças entre a personagem brasileira e a cigana Esmeralda:

“Si cette jeune fille était un être humain, ou une fée, ou un ange, c’est ce que Gringoire, tout philosophe sceptique, tout poète ironique qu’il était, ne put décider dans le premier moment, tant il fut fasciné par cette éblouissante vision.”¹⁷(HUGO, 2009, p.133).

No decorrer das obras, será possível observar que as protagonistas de Hugo e Guimarães possuem características físicas e psicológicas muito semelhantes, o que reforça a nossa tese de diálogo entre as duas literaturas. Mas não apenas traços fisionômicos e de personalidade aproximam as duas heroínas. Assim como Esmeralda, que é enfeitada pelos habitantes locais, no caso Paris, por ser cigana, Isaura sofre toda sorte de infortúnios por se tratar de uma escrava.No entanto, é necessário avançar nos enredos a fim de encontrar novos indícios de intertextualidade entre os autores.

¹⁶ “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variados, sob formas mais ou menos reconhecíveis: os textos da cultura anterior e aqueles da cultura contemporânea. Todo texto é um tecido novo de citações passadas.”

¹⁷ “Se esta garota era um ser humano, ou uma fada, ou um anjo, é o que Gringoire, como bom filósofo cético, como bom poeta irônico que era não conseguira decidir num primeiro momento, tão fascinado ficou por aquela visão.”

Em *O Corcunda de Notre-Dame*, a cigana Esmeralda é objeto de desejo de parte dos personagens do romance. Dentre os quais, está o padre Claude Frollo. Antes de nos atermos aos traços que compõem a sua personalidade, é pertinente comentar que, durante a seleção do material teórico que norteou esta pesquisa, tomamos conhecimento de que há uma hipótese de que o personagem Frollo seja fruto de uma mistura de dois personagens mencionados por Du Breul¹⁸ e Sauval¹⁹. No entanto, também se supõe que Hugo tenha se inspirado no abade Oegger, o primeiro vigário de Notre-Dame, para a criação da personagem.

Em seu *O Demônio da Teoria*, Antoine Compagnon discute, dentre outros assuntos, o conceito de *mimèsis*²⁰ dentro da Literatura. Usando autores como Erich Auerbach como referência, Compagnon nos diz que:

“[...] a *mimèsis* foi questionada pela teoria literária que insistiu na autonomia da literatura em relação à realidade, ao referente, ao mundo, e defendeu a tese do primado da forma sobre o fundo, da expressão sobre o conteúdo, do signifiante sobre o significado, da signifição sobre a representação, ou ainda, da *semiòsis* sobre a *mimèsis*.” (COMPAGNON, 2014, p.95).

Ao confrontarmos a citação de Compagnon sobre a insistência da teoria literária em relação à autonomia da literatura com o que foi discutido até agora nesta análise, sobretudo no parágrafo referente ao personagem Frollo, observa-se um enfraquecimento da tese defendida pelos teóricos da literatura, visto que, ao menos o *corpus* deste artigo está repleto de intertextualidades.

Pertencente a uma família abastada, desde cedo, Claude Frollo fora destinado à vida eclesiástica. Educado dentro do rigor dos colégios internos, Frollo fora uma criança triste e solitária, que vira nos livros uma válvula de escape. Tal dedicação aos estudos, lhe valeu conhecimentos em várias línguas e em diversas outras áreas do conhecimento humano. Tornando-se, assim, um dos personagens mais eruditos, racionais e sensatos do romance hugoano. O equilíbrio emocional do clérigo é abalado em dois momentos bastante marcantes na obra. O primeiro, quando seus pais morrem vítimas da peste e o jovem Frollo, até então com 19 anos de idade, precisa cuidar de seu irmão mais novo; e anos mais tarde, ao avistar, pela primeira vez, a cigana Esmeralda:

“Il eûtétédifficile de dire de quellenatureétaiceregard et

¹⁸Jacques duBreul, monge beneditino francês.

¹⁹Henri Sauval, historiador francês.

²⁰Termo atribuído a Aristóteles, traduzido como representação ou imitação.

d'ouvenait la flamme qui en jaillissait. C'était un regard fixe, et pourtant plein de trouble et de tumulte."²¹ (HUGO, 2009, p. 367).

Ao observar os vocábulos *flamme*(chama), *trouble*(perturbação) e *tumulte*(tumulto), já é possível deduzir que se trata do episódio que dá início à obsessão de Frollo pela cigana, o que, por sua vez, acarreta a decadência moral e espiritual do padre, como no episódio no qual apunhala o capitão Phoebus e deixa a culpa recair sobre Esmeralda. Todavia, a nítida tensão psicológica do personagem quando comete algum ato contra a cigana, nos revela que não se trata de uma questão de desvio de caráter, mas sim ações executadas em momentos de desequilíbrio emocional. Evento semelhante ao descrito no parágrafo anterior ocorre na obra de Guimarães:

Só depois de casado Leôncio, que antes disso poucas e breves estadas fizera na casa paterna, começou a prestar atenção à extrema beleza e às graças incomparáveis de Isaura [...] Estava reservado à infeliz Isaura fazer vibrar profunda e violentamente naquele coração libertino as fibras que ainda não estavam de todo pelo atrito da devassidão.(GUIMARÃES, 2008, p. 21-22).

Diante dos trechos analisados, observa-se, no que diz respeito à imagem da mulher desejada, certa semelhança entre os personagens das duas obras. Ao longo dos romances, observa-se que a fixação de Leôncio e Frollo por Isaura e Esmeralda, respectivamente, levará aqueles a atos que ultrapassam os limites da racionalidade.

Contudo, apesar da aparente semelhança, os personagens supracitados possuem características morais opostas. Por um lado, tem-se Frollo, que é padre, seguidor de princípios religiosos, erudito e até certo ponto solidário, levando-se em consideração que foi responsável pela criação do corcunda Quasimodo. Por outro, Leôncio é um jovem inconsequente, que nunca dera a devida importância aos estudos, corrompido pela devassidão e ignorante no que tange ao conceito de alteridade.

Cunhado de Leôncio, Henrique também tem fascínio por Isaura, porém nada comparado à obsessão que o marido de sua irmã sente pela escrava. Descrito como frívolo, estouvado e vaidoso, Henrique é um jovem de bom coração que se encanta com a beleza de Isaura, assim que chega à fazenda de seu cunhado: “– Não é nada disso; mas é coisa melhor, respondeu Henrique maravilhado; é uma perfeita brasileira”(GUIMARÃES, 2008, p.23). O rapaz passa parte da obra tentando conquistar

²¹“Era difícil dizer de qual natureza era aquele olhar e de onde vinha a chama que emanava. Era um olhar fixo, e entretanto cheio de perturbação e tumulto.”

o amor de Isaura, porém a moça, que só pensa em conseguir sua liberdade, não cede às suas investidas:

[...] Oh! Quanto eu daria para obter a tua liberdade, se com ela pudesse obter também o teu amor! [...] – Ah! senhor Henrique! – retorquiu a menina com enfado – o senhor não se peja de dirigir esses galanteios a uma escrava de sua irmã?” (GUIMARÃES, 2008, p.25).

Há uma símile entre o Henrique, de Guimarães, e o capitão Phoebus, de Victor Hugo: “— Belle enfant, dit Phoebus avec emphase enfaisant de son côté quelques pas vers elle, je ne sais pas si j’ai le suprême bonheur d’être reconnu de vous...”²² (HUGO, 2009, p. 360). Ao observar a maneira pela qual o jovem capitão se dirige à cigana, percebe-se que ele nutre certo carinho pela mesma, o que pode ser comparado aos sentimentos de Henrique. Todavia, ao contrário de Isaura e Henrique, os sentimentos de Esmeralda e Phoebus são, aparentemente, recíprocos:

“Elle” interrompitenlevantsurluiinsourire et unregardpleins d’“une douceurinfinie”²³ (HUGO, 2009, p.360).

Contudo, Esmeralda não era a única mulher na vida do capitão Phoebus. Filha da senhora Aloise de Gondelaurier, Flor-de-Lis era uma moça pertencente à alta sociedade, educada com todo o requinte e sofisticação: “... pendant que sacharmantepetitefilleFleur-de-Lys de Gondelaurier, toutevêtue de soieet de velours...”²⁴ (HUGO, 2009, p. 232). Desde cedo fora prometida a Phoebus e vê na cigana Esmeralda uma ameaça aos seus planos matrimoniais com o capitão, o que lhe despertara inveja e despeito:

“— Il parle sa langue à cette créature! ajouta à demi-voix Fleur-de-Lys, dont le dépit croissait de moment en moment. Ce dépit ne diminuait point quand elle vit le capitaine, enchanté de la bohémienne et surtout de lui-même, pirouetter sur le talon en répétant avec une grosse galanterie naïve et soldatesque: —une belle fille, sur mon âme!”²⁵ (HUGO, 2009, p. 361).

Ao nos depararmos com a situação na qual Flor-de-Lis está envolvida, é inevitável não pensar em Malvina. Assim como a personagem de Hugo, Malvina também é uma moça pertencente à alta sociedade, que possui beleza e educação

²²“Bela criança, disse Phoebus com ênfase dando alguns passos em direção a ela, eu não sei se tenho a suprema felicidade de ser reconhecido por você...”

²³“Ela o interrompera levantando um sorriso e um olhar cheios de uma doçura infinita.” ²⁴“... enquanto que sua encantadora filhinha Flor-de-Lis, toda vestida de seda e de veludo...”

²⁵“Fala a língua daquela criatura! acrescentou a meia voz Flor de Lis, a quem o despeito crescia de instante. E esse despeito não diminuiu quando viu o capitão, encantado com a cigana e especialmente consigo mesmo, fazer uma pirueta sobre os calcanhares e repetir com grosseira galantaria, ingênua e soldadesca: - uma bela garota, pela minha salvação!”

impecáveis: “Todavia, Malvina era linda, encantadora mesmo, e posto que vaidosa de sua formosura e alta posição, transluzia-lhe nos grandes e meigos olhos azuis toda a nativa bondade de seu coração” (GUIMARÃES, 2008, p. 11).

A benevolência e a meiguice de Malvina só seriam abaladas pela sordidez dos atos de Leôncio em relação à Isaura. Apesar de querer bem à escrava, Malvina sofre com as atitudes de seu marido, o que lhe gera certa antipatia e despeito por Isaura: “— Blasfêmia! Quem sabe!... mas enfim dê um destino qualquer a essa rapariga, se não quer expelir-me para sempre de sua casa. Quanto a mim, não a quero mais nem um momento a meu serviço; é bonita demais para mucama” (GUIMARÃES, 2008, p. 40).

A última parte da análise foi destinada ao personagem mais emblemático da obra de Victor Hugo: Quasimodo, o corcunda de Notre-Dame. Quasimodo fora, ainda muito jovem, abandonado à própria sorte perto da catedral de Notre-Dame. O episódio atiçara a curiosidade dos que passavam por ali. Não pelo fato de ser uma criança abandonada, mas por ser unpetitmonstre²⁶. A pequena criatura causava espanto e consternação nas pessoas que o observavam.

Comovido com a situação na qual o encontrara e com a lembrança de seu irmão Jehan, o qual tivera que abandonar ainda recém-nascido, o padre Claude Frollo se ocupou da criação de Quasimodo, que anos mais tarde se tornaria o tocador de sinos da catedral de Notre-Dame. Hugo assim descreve seu personagem:

Quasimodo était né borgne, bossu, boîteux. C’est à grande peine et à grande patience que Claude Frollo était parvenu à lui apprendre à parler. Mais une fatalité était attachée au pauvre enfant-trouvé. Sonneur de Notre-Dame à quatorze ans, une nouvelle infirmité était venue le parfaire; les cloches lui avaient brisé le tympan. Il était devenu sourd.²⁷ (HUGO, 2009, p. 241-242).

Malgrado todos os infortúnios vividos por Quasimodo desde os primeiros anos de vida, a personagem possui um bom coração e sentimentos nobres, que o levam a arriscar a própria vida quando salva a amada Esmeralda de ser enforcada, por conta de um crime que ela não cometera.

²⁶ Um pequeno monstro.

²⁷ “Quasimodo nascera caolho, corcunda e manco. É com grande dificuldade e grande paciência que Claude Frollo conseguira ensiná-lo a falar. Mas uma fatalidade estava atada a pobre criança. Tocador de sinos de Notre-Dame aos quatorze anos, uma nova enfermidade viera lhe completar; os sinos estouraram-lhe o tímpano. Ele se tornou surdo.”

O romance de Bernardo Guimarães também conta com a presença de um personagem semelhante a Quasimodo. Jardineiro da fazenda da família de Leôncio há anos, o senhor Belchior é descrito da seguinte forma:

“Era um monstrengo afetando formas humanas, um homúnculo em tudo mal construído, de cabeça enorme, tronco raquítico, pernas curtas e arqueadas para fora, cabeludo como um urso e feio como um mono. [...] A natureza esquecera de lhe formar o pescoço, e a cabeça disforme nascia-lhe de dentro de uma formidável corcova, que a resguardava quase como um capuz.”
(GUIMARÃES, 2008, p. 32).

Ao atribuir à grotesca figura de Belchior o ofício de jardineiro, Guimarães deixa bem claro uma das principais características do movimento Romântico: o contraste entre o grotesco e o sublime, o que pode ser observado também na narrativa de Victor Hugo, quando o autor põe lado a lado a bela cigana Esmeralda e a figura monstruosa do corcunda Quasimodo.

Apesar das similaridades, os personagens de Hugo e Guimarães não apresentam o mesmo grau de importância nas obras. Enquanto Quasimodo possui um papel de destaque e participa ativamente das ações mais significativas do romance, o senhor Belchior, ainda que um dos personagens principais da trama de Guimarães, tem seus atos limitados e suas participações não são tão expressivas, tornando-se assim um personagem secundário.

Como foi possível observar até o momento, a hipótese norteadora da produção deste artigo foi confirmada. A semelhança entre as personagens não deixa dúvidas da influência de Victor Hugo sobre a obra do brasileiro Bernardo Guimarães. O fato corrobora a afirmativa da professora Leyla Perrone-Moisés em seu *Vira e Mexe Nacionalismo*:

“Comprova-se assim, uma vez mais, que a literatura nasce da literatura, constituindo uma tradição, de modo que a busca das fontes primeiras (infinitamente recuadas) interessa menos do que o estudo da intertextualidade, isto é, do modo como cada poeta reinterpreta e renova essa tradição.” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 106).

Todavia, ao observar os personagens de Hugo e Guimarães, nota-se uma nítida diferença no que diz respeito às características psicológicas. Enquanto os personagens do brasileiro são unidimensionais, isto é, os bons são sempre bons e os maus são sempre maus, os personagens de Victor Hugo apresentam um grau de complexidade psicológica maior. Observa-se que se trata de personagens com conflitos internos ocasionados por questões mal resolvidas do passado ou até mesmo do presente.

Outro aspecto que é importante salientar entre as duas obras diz respeito aos enredos que, apesar das semelhanças entre os principais personagens, tomam rumos diferentes.

Assim sendo, verifica-se não apenas a influência de Hugo, mas a importância que este exerceu na consolidação e no enriquecimento literário na obra de Bernardo Guimarães e na literatura brasileira como um todo, visto que Guimarães é apenas mais um romancista a entrar para o rol dos escritores brasileiros influenciados pela reverberação do “eco sonoro” de Victor Hugo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Sidney. O patrimônio arquitetônico francês, a modernidade e o romance Notre-Dame de Paris de Victor Hugo. **Polifonia** (UFMT), Cuiabá, v. 6, p. 87-101, 2003.

BARTHES, Roland. **Théorie du Texte**. Disponível em: http://asl.univ-montp3.fr/e41slym/Barthes_THEORIE_DU_TEXTE.pdf. Acesso em: 22 set. 2015.

CASTEX, P-G; SURER, P. **Manuel des Études Littéraires Françaises: XIXe siècle**. Paris: Hachette, 1966.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. 2. ed. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GUIMARÃES, Bernardo Joaquim da Silva. **A Escrava Isaura**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

HUGO, Victor-Marie. **Notre-Dame de Paris**. Paris: GF Flammarion, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semântica**. 2. ed. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

PASSOS, G. P. Machado de Assis Leitor de Alexandre Dumas e Victor Hugo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 34, p. 73-85, 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e mexe nacionalismo: Paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: ADERALDO & ROTHSCHILD, 2008.